



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

ESTUDOS DE MÍDIA E DEFICIÊNCIA NA FORMAÇÃO DE JORNALISTAS: MEMÓRIAS DE UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA NA UFRR¹

Felipe Collar Berni – Universidade Federal de Roraima

RESUMO

O texto remonta à nossa experiência com a disciplina optativa Estudos de Mídia e Deficiência, ofertada no primeiro semestre letivo de 2025, na Universidade Federal de Roraima. Entende-se que memórias e reflexões como esta podem contribuir para a consolidação da interface entre Mídia e Deficiência no campo da Comunicação, projeto que passa, necessariamente, pelas estratégias de ensino. Ao registrar essa experiência, defende-se que a acessibilidade e as boas mobilizações da pessoa com deficiência no Jornalismo são caminhos fundamentais para a conquista de uma mídia cidadã.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia e Deficiência. Jornalismo. Ensino.

1 INTRODUÇÃO

A interface entre Mídia e Deficiência encontra-se em processo de consolidação. Isso porque a agenda de pesquisa que celebra as pessoas com deficiência como sujeitos na comunicação possui uma ampla abrangência, mas ainda carece de pessoal para dar conta das complexidades intrínsecas às inter-relações possíveis que se estabelecem: desde a recepção de produtos comunicacionais, passando pela representação da deficiência nos processos midiáticos, até a inserção do profissional com deficiência nos espaços produtivos da comunicação, para citar algumas delas.

Este relato de experiência é fruto de um esforço que tensiona essa interface a partir do ensino. Nossas problematizações se inserem nas Escolas de Comunicação e questionam como essas, em seus processos pedagógicos, preparam futuros jornalistas, publicitários, relações-públicas e comunicólogos para se relacionarem com a diversidade de público e suas distintas sensorialidades. Ou seja, de que maneira as relações entre mídia e deficiência se estabelecem dentro dos currículos de formação desses profissionais?

Na Universidade Federal de Roraima (UFRR), o curso de Jornalismo, fundado em 1991, torna-se um lugar estratégico para pensar, formar e transformar a comunicação no estado e no extremo-norte do país. Como na maioria dos espaços formativos em comunicação (Wobeto, 2025),

¹ Trabalho apresentado no GT4 – Práticas Profissionais e Formação Cidadã em Comunicação da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

não há, em seu Projeto Pedagógico Curricular (PPC), uma disciplina que reserve espaço próprio para a discussão sobre mídia e deficiência. Esta experiência que relatamos, portanto, foi possível pelas brechas, a partir de uma disciplina com ementa livre, estabelecemos um espaço direcionado e qualificado para esse debate amplo.

Nossa experiência remonta ao primeiro semestre do ano letivo de 2025, quando estabelecemos, a partir da disciplina Optativa II, as discussões popularmente conhecidas aqui como “disciplina de Mídia e Deficiência”. Embora seja chamada de optativa, esse componente curricular é obrigatório. A proposta ressoa minha trajetória sociocientífica como professor e pesquisador que tem trabalhado diretamente com essa interface. Isso revela um gargalo para a inserção de proposições teórico-práticas nas relações entre Mídia e Deficiência, que muitas vezes são mobilizadas apenas a partir do olhar particular de um professor e não como elemento característico à formação projetada para futuros profissionais (Wobeto, 2025). Vale ressaltar que esta foi a primeira disciplina que pude construir e ministrar a partir dessas relações. Outras estratégias formativas foram desenvolvidas nos últimos anos, por meio de ações de extensão, aulas abertas e orientações de trabalhos acadêmicos (Araújo, 2025; Berni, 2024a; Berni, 2024b; Oliveira, 2025; Rossi, Gomes e Alvares, 2025).

Para o desenho da ementa e dos objetivos de aprendizagem, considerei que aquele poderia ser o único momento de debate sobre as relações da deficiência na trajetória de formação daqueles estudantes. Por isso, optamos por uma disciplina que promovesse uma reflexão crítica sobre as interseções entre mídia e deficiência, a partir de uma abordagem biopsicossocial e decolonial (Marco, 2022; Mello; Aydos; Schucu, 2022), e que examinasse o capacitismo como uma estrutura de poder que molda narrativas midiáticas (Araújo de Freitas; Silva, 2025; Berni; Maldonado, 2023). Também se propôs a discutir a acessibilidade comunicativa como um direito humano fundamental das pessoas com deficiência (Berni; Bianchi, 2023), destacando e experimentando práticas para a produção de peças jornalísticas acessíveis, como audiodescrição, legendas para surdos e ensurdecidos, e o uso da Libras. Tudo isso com o propósito de desenvolver um pensamento crítico sobre os estudos da deficiência e suas inter-relações com o jornalismo; estimular uma representação mais inclusiva e simbólica das pessoas com deficiência em produções jornalísticas; e aplicar e manusear elementos de acessibilidade comunicativa.

2 DINÂMICA DAS AULAS E ECOS POSSÍVEIS

Para dar conta da complexidade e da amplitude que a interface Mídia e Deficiência apresenta ao campo da Comunicação, a disciplina foi organizada em módulos, na tentativa de apresentar, mesmo que de maneira breve, miradas possíveis para essa relação.

A Unidade 1 teve como proposta apresentar os estudos sobre a deficiência já a partir de uma leitura mais qualificada, com base no modelo biopsicossocial, que problematiza a deficiência a partir

das barreiras socioculturalmente construídas, as quais geram desvantagens para um coletivo de pessoas com sensorialidades outras. Assim, realizamos um giro decolonial para aleijar as deficiências (Collar Berni; Maldonado, 2025), posicionando o capacitismo a partir do mito da capacidade e suas implicações socioculturais, destacamos a invenção da deficiência (Skliar, 2015) até chegarmos à lenta consolidação dos estudos de Mídia e Deficiência. Com esse propósito, tivemos a participação, em uma de nossas aulas, da jornalista e ativista cega Débora Camila, que, a partir de sua história de vida, trouxe importantes provocações para descolonizar as deficiências.

A Unidade 2 teve como foco analisar a práxis jornalística e a forma como ela mobiliza as pessoas com deficiência em suas produções. Tensionaram-se, assim, práticas comuns na representação jornalística desse coletivo: narrativas que oscilam da pena ao heroísmo; o silenciamento e a tutela das vozes de pessoas com deficiência (Araújo de Freitas; Silva, 2025; Collar Berni; Maldonado, 2023; Wobeto, 2025). Destaca-se aqui um esforço modesto, mas em diálogo com nosso atual projeto de pesquisa vinculado aos estudos de mídia e deficiência a partir de aspectos regionalizados, especialmente no Norte brasileiro. Os estudantes, como atividade avaliativa, propuseram-se a elaborar um resumo expandido, com o objetivo de construir leituras e fomentar saberes sobre como a imprensa de Roraima representa as pessoas com deficiência em suas produções. Essa dinâmica oportunizou o reconhecimento de recorrências e a descoberta de especificidades do extremo norte do Brasil, que serão oportunamente socializadas em outros espaços.

A Unidade 3 foi reservada para discutir aspectos mais operacionais sobre recursos e práticas de acessibilidade comunicativa aplicadas às dinâmicas do jornalismo. Contamos, para isso, com a pesquisadora Samara Wobeto, que contribuiu na transição entre as unidades, apresentando sua pesquisa que resultou em proposições teórico-práticas para o ensino de acessibilidade nos cursos de Jornalismo (Wobeto, 2025). Além disso, debatemos epistemologicamente o direito humano à comunicação das pessoas com deficiência (Berni; Bianchi, 2023), conhecendo os usos e apropriações que pessoas com deficiência visual e auditiva fazem do telejornalismo, em diálogo com a pesquisadora Sabryna Moreno Silva (2025). Finalizamos com momentos de experimentação dos recursos de acessibilidade.

É fato que o manuseio desses recursos não é de inteira responsabilidade dos jornalistas, há profissionais técnicos e especializados qualificados para realizar audiodescrição, tradução em Libras, produção em Braille, entre outros. Ainda assim, compete ao jornalista mediar o processo e garantir a inserção da acessibilidade desde o momento da produção, e não como uma adaptação posterior à finalização do produto jornalístico.

Os estudantes, provocados, nos retornaram com comentários sobre a experiência vivida a partir da disciplina. “A contribuição da disciplina para a minha formação profissional é, sem sombras de dúvidas, extremamente importante, visto que me coloca na posição de ser humano atento e sensível

quanto à forma de noticiar, me portar e me comunicar com a população que tem algum tipo de deficiência. Acredito ser uma contribuição que me acompanhará para sempre, tendo tido um papel fundamental para quebrar barreiras, estigmas e até mesmo preconceitos da minha parte enquanto profissional e cidadã” (Estudante 01). O aspecto de repercussão na carreira também aparece no relato da Estudante 02: “A partir da disciplina, hoje vejo de maneira muito mais crítica o papel do jornalismo na percepção da realidade de pessoas com deficiência, e me sinto preparada para lidar com essa abordagem de uma forma mais consciente.” Os estudantes relatam que discussões sobre acessibilidade e representação da pessoa com deficiência não haviam aparecido em outras disciplinas. A Estudante 01 afirma: “Em meus 4 anos de curso, esta é a primeira vez que vejo o assunto sendo abordado.” Esse aspecto evidencia as lacunas enfrentadas no ensino de acessibilidade no Jornalismo e, consequentemente, reforça a urgência de que o tema seja cada vez mais transversal na formação.

Essa experiência refletida, somada àquelas que acumulamos ao longo da caminhada multidimensional - enquanto sujeitos, professores e pesquisadores - nos oferece valiosas motivações para construir o próprio caminho. A primeira disciplina que ministrei com foco exclusivo nas relações entre mídia e deficiência veio confirmar o sentimento sobre a urgência de espaços formativos como os que temos construído, celebrando a formação em Jornalismo como um *locus* estratégico para promover mudanças culturais e estruturais no exercício da profissão. Observamos, contudo, que uma disciplina isolada pode não ser suficiente, ainda que tê-la seja essencial.

Este relato é um esforço para reivindicar espaços, sensibilizar os pares sobre uma necessidade que se justifica não apenas para a manutenção do Jornalismo enquanto instituição capaz de mediar a vida de toda a população, mas também para compreendermos que acessibilidade é intrínseca à cidadania. Uma mídia cidadã passa, necessariamente, por uma mídia acessível.

Referências

ARAÚJO, Marilene Gomes de. **Memórias de estudantes com deficiência visual no curso de Jornalismo da Unemat: desafios e perspectivas**. TCC (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Rondonópolis, 2025.

ARAÚJO DE FREITAS, Thais; SILVA, Terezinha. Reconhecidas, mas Silenciadas: as Pessoas com Deficiência Representadas nas Notícias do Portal G1. **Mídia e Cotidiano**, v. 19, n. 1, p. 10-30, 28 jan. 2025.

BERNI, Felipe Collar. Espaço Livre de Experimentação em Comunicação e Acessibilidade: relato do vivido junto ao curso de Jornalismo da Unemat. In: ANAIS DO 23º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE JORNALISMO, 2024, Goiânia. **Anais eletrônicos...**, Galoá, 2024a. Disponível em: <<https://proceedings.science/enejor-2024/trabalhos/espaco-livre-de-experimentacao-em-comunicacao-e-acessibilidade-relato-do-vivido?lang=pt-br>>. Acesso em: 11 Jul. 2025.

BERNI, Felipe Collar. Provocações para (re)pensar o ensino de acessibilidade comunicativa nos cursos de Jornalismo. **Âncora – Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, v. 11, p. 150-166, 2024b.

COLLAR BERNI, Felipe; BIANCHI, Graziela Soares. O direito humano à comunicação de pessoas com deficiência: questionamentos e perspectivas no campo do jornalismo. **Eptic - Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, v. 25, n. 1, p. 45–62, 2023.

BERNI, Felipe Collar; MALDONADO, Alberto Efendy. “Conta a mãe”, “explica a irmã”, “disse o pai”: a fala Down negada no jornalismo. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2023.

COLLAR BERNI, Felipe; MALDONADO, Alberto Efendy. Por un giro decolonial en los estudios de medios y discapacidad. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, v. 1, n. 158, 2025.

MARCO, Victor Di. **Capacitismo**: o mito da capacidade. Belo Horizonte: Letramento, 2020.

MELLO, Anahí Guedes de; AYDOS, Valéria; SCHUCU, Patrice. Aleijar as antropologias a partir das mediações da deficiência. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, ano 28, n. 64, p. 7-29, set./dez., 2022.

OLIVEIRA, Débora Camila. **O direito à acessibilidade na formação de estudantes cegos**: uma autoetnografia sobre o curso de Jornalismo. TCC (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Rondonópolis, 2025.

SILVA, Sabryna Moreno. **O processo de recepção do telejornalismo por pessoas com deficiências auditivas ou visuais**: barreiras, experiências e estratégias de acessibilidade comunicativa. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2025.

SKLIAR, Carlos. A Invenção e a Exclusão da Alteridade "deficiente" a partir dos Significados da Normalidade. **Educação & Realidade**, v. 24, n. 2, 2015.

ROSSI, Elismárcia Tosta A.; GOMES, Josyclaudia de Jesus; ALVARES, Wander Vieira. **Vozes Invisíveis**: a inclusão de jornalistas com deficiência visual no mercado de trabalho jornalístico. TCC (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Rondonópolis, 2025.

WOBETO, Samara Letícia. **Proposições teórico-práticas de acessibilidade comunicativa na formação de jornalistas**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2025.